



CADERNOS DE VEDANTA Nº 1

HÁ LUGAR NO OCIDENTE PARA A VEDANTA?

Swami Atmarupananda

De tempos em tempos é bom fazer certas perguntas básicas: para onde estou indo exatamente? È este o veículo que, de fato, me levará aonde quero ir? Será que eu preferiria estar fazendo alguma outra coisa? Como, às vezes, me indagam sobre a Vedanta gosto, de minha parte, de me questionar: Por que alguém se preocuparia em estudar a Vedanta? Que benefícios isto poderia trazer? Em caso de produzir algum, por que meios isto se daria? Estas questões surgem com especial insistência quando deparo uma audiência de vinte, vinte-e-cinco pessoas, vindas de uma cidade de mais de um milhão de habitantes, para ouvir sobre Vedanta. Nestas circunstâncias, quão tentador seria pôr em cheque a relevância da Vedanta! Mas não faço isso. Há uma espécie de certeza constante de que algum dia o Mundo Ocidental pegará fogo com as ideias da Vedanta, transformando-lhe o panorama social, cultural, intelectual, educacional, moral, religioso.

Por quê? Porque a Vedanta fornece um novo paradigma, de que o mundo precisa desesperadamente. Quando o mundo reconhecer a vasta promessa contida neste paradigma, coisas magníficas acontecerão. Este paradigma é amplo e pode operar tanto por dentro de todas as tradições, como à margem delas. Ele respeita a diversidade e a individualidade, e não está preocupado com a questão de pertencimento ou não a qualquer instituição.

Um novo paradigma: isto parece algum modismo intelectual? O que a expressão quer significar, certamente não o é. Ao contrário, é algo de profundo e abrangente. Ou será que parece algo de frio e livresco? Tampouco o é. É algo de doador e para cima. E então, o que vem a ser esse novo paradigma?

Vamos, primeiro, tentar responder à questão a respeito do quê, na Vedanta, possa atrair as pessoas. A resposta nos ajudará a perceber o quê, de fato, as pessoas valoram na referida escola hindu. A partir daí, poderemos nos deter com mais cuidado no que a Vedanta tem a oferecer.

Quando perguntados, a maior parte dos vedantistas ocidentais diz que o que primeiro os atraiu à Vedanta foi:

I. A perspectiva eclética quanto a outras religiões - o ensinamento de que todas as religiões são caminhos diversos levando ao mesmo fim.

2. Outros são atraídos em função do fato de que, em sua experiência anterior, religião e ciência sempre estiveram em guerra uma com a outra. A ciência nos demonstra suas verdades bem diante de nossos olhos, enquanto a religião parece nos sugerir que esperemos até depois da morte para atestar suas verdades. Como pode uma pessoa sensata aceitar esta e negar aquela? Tais religiões apelam para nossos medos e não a nossa inteligência. A Vedanta, contudo, é uma religião em busca da verdade, que se baseia na experiência individual mais do que em crenças e, portanto, sem conflito com o preito da ciência. Entretanto, ela oferece um idealismo sofisticado e a possibilidade de transcendência, o que a ciência não pode fazer.

3. É também a ênfase na transformação pessoal, na prática e na conscientização que atrai algumas pessoas. Religião para o vedantista é uma questão de ‘ser e vir a ser’, não de fé e testemunho. Evidentemente, todas as religiões, numa certa medida, valorizam e estimulam o crescimento pessoal, mas para o vedantista este é o único padrão e a única medida. Não é o que proclamamos acreditar que importa, mas o que somos.

4. Algumas outras, ainda, são mobilizadas por grandes espíritos, pelas vidas de excepcionais seres iluminados, como Sri Ramakrishna, Sri Sarada Devi e Swami Vivekananda, ou ainda, por algum exemplo vivo da Vedanta. Em quaisquer casos, eles encontraram alguém que logrou algo que eles querem – algo de valor óbvio, que eles não deparam em outro lugar. É fogo que gera fogo – uma vela acesa pode levar sua chama a inúmeras outras, o que uma vela apagada não pode fazer. Assim, é vida gerando vida – uma grande vida pode incandescer outras vidas com uma visão até então inimaginável, e sem preço.

Tais são alguns elementos que atraem neófitos à Vedanta, mas o valor da Vedanta vai muito além: é algo de muito mais abrangente, que afeta aspectos de nosso ser de maneiras de que só nos damos conta, às vezes, muito mais tarde. Apenas com a passagem dos anos começamos a compreender o verdadeiro significado da Vedanta para o Mundo Ocidental. Mesmo então talvez estejamos captando apenas um vislumbre do que a história acabará por revelar. E os benefícios não serão apenas individuais, mas também sociais, culturais, *civilizacionais*.

Abordemos agora mais sistematicamente este *novo paradigma*. Primeiro, o que queremos dizer com paradigma, neste contexto? Toda civilização se apoia sobre uma base mítica ou paradigma. *Mítico* não significa *falso*. Refere-se a uma *visão-de-mundo* abrangente que é mais profunda, mais primeva do que a que permite a filosofia racional, compreendendo ideias de espaço, tempo, propósito, papéis masculino e feminino, heroísmo, individualismo, dever, relações humanas, a relação da pessoa para com a sociedade, o mundo natural etc. Esses elementos podem ser submetidos com grande vantagem à análise filosófica, mas existem mesmo na ausência de qualquer discurso filosófico.

Por que precisamos de um novo paradigma? Porque o velho não está funcionando. Não é que esteja doente e necessitando de tratamento - ele está morto! Urna afirmação forte? Vejamos os fatos: O quê está morto? Os seis dias da criação. Ideias tradicionais de tempo e espaço. A Terra como centro do Universo. Euro-centrismo. O Homem considerado como separado do mundo natural. A dominação masculina sobre a mulher. Cavalheirismo. A idéia de Deus como Patriarca. A idéia de Deus como Rei. A certeza de que *nossa* raça, *nossa* nação, *nossa* religião, *nossa* cultura é a raça, a nação, a religião, a cultura. A certeza de que Deus está *do nosso lado* em qualquer conflito. Moralidade como uma aliança com Deus, baseada naquilo de que Ele gostaria ou deixaria de gostar. O ponto-de-vista de que o homem é pecador por natureza. A

visão de Deus como Juiz. A ideia de que o Homem existe para a glória de Deus. A tendência a aceitar a tradição porque é a tradição. A aceitação de doutrina e dogma porque as autoridades nos dizem saber das coisas. A vocação para aceitar um livro sagrado como *sendo a infalível Palavra de Deus*. É esta base mítica da Civilização Ocidental que está morta. E é esta morte que é responsável pela crise de identidade, tanto individual quanto social que nos assola. (Este é um problema exclusivamente Ocidental? Não - é um problema global; mas sua universalização ocorreu no bojo da crescente influência da Civilização Ocidental.) No mundo inteiro tem havido um retorno ao fundamentalismo religioso, aparentemente num movimento para reencontrar a segurança de um ponto-de-vista absoluto, em meio a toda esta transformação e incerteza. Mas esta ressurreição do fundamentalismo não resolve coisa alguma, já que o problema reside na supramencionada morte dos mitos e valores fundadores. Retornar a eles lembra o comportamento do filhotinho de cachorro, que volta repetidamente à mãe morta na esperança de que ela reaja e se levante. Podemos simpatizar com a atitude, mas certamente não gostaríamos de encorajá-la.

Dirão alguns que a ciência já substituiu a velha infraestrutura mítica por sua própria visão-de-mundo racionalista e que, por consequência, não há qualquer necessidade para novo paradigma. Este paradigma já existiria: a verdade da ciência, em oposição à dos mitos religiosos.

Dirão outros – e eu concordo – que a ciência não produziu uma base adequada para a civilização humana. A ciência não pode proporcionar valores ou objetivos, nem pode fornecer condições para transcendência. Todos os valores humanos são, em última instância, calcados em valores espirituais. Quando o espiritual é retirado da vida, os valores continuam vigindo por algum tempo, função de seu próprio momento, mas eventualmente morrem. Vemos isso acontecendo a nossa volta muito claramente. A ciência pode nos dizer *como* vivemos, *mas não como ou porquê deveríamos viver* – as questões éticas (valores) e teológica (finalidade). A ciência amplia os sentidos, não os transcende. E há algo em nós que jamais se satisfaz com a vida dos sentidos, por mais confortável que ela seja.

A ciência e a religião vem batalhando há já vários séculos, com o objetivo de controlar os fundamentos míticos da sociedade. Mas as duas estão mais imbricadas uma na outra do que a maioria dos cientistas e teólogos gostaria de acreditar. Por exemplo, nossa visão do progresso científico – a conquista gradual de todos os males da vida através do progresso tecnológico - tem raízes ao mesmo tempo numa perspectiva linear do tempo e na convicção de que bem e mal são entidades separadas e distintas. Tais noções a respeito do tempo e do bem e do mal são na realidade religiosas na origem: o tempo teve um começo e se move sistematicamente rumo a um ápice final ou *millenium*; Deus é bom, como boa é sua Criação, mas o mal se meteu no meio através da desobediência do Homem, induzido por Satã. Estas ideias míticas estão mortas, e a maioria as reconhece como tal, mas elas continuam a controlar, mais do que estamos preparados para aceitar, tanto nosso pensamento quanto nosso comportamento. E no momento, não temos alternativas para elas.

Permita-me acrescentar que nossas tradições são maiores e mais fortes do que seus Fundamentos míticos. Não são o Cristianismo e o Judaísmo que estão mortos, mas o velho paradigma de que lançam mão para dar suporte e explicar sua experiência. Estão vivas estas tradições e sua (grande) vitalidade é em parte exposta pela intensa busca por um novo paradigma que se realiza em suas fileiras. Toda grande tradição tem algo de valor a contribuir ao mundo como um todo. O que a Vedanta talvez tenha a contribuir seja, acima de tudo, uma

visão clara da *essência da espiritualidade*. Isto pode ajudar todas as tradições a descobrir o que é essencial e o que é circunstancial – o que pode ser sacrificado sem prejuízo.

Analisemos rapidamente alguns dos pontos levantados acima. A história da criação, segundo o Gênesis, é, enquanto mito, linda e profunda, mas, tomada ao pé da letra, é passível de ser contradita a cada passo pela ciência. Infelizmente, no entanto, é como documento histórico literal que ela ajudou dar forma à base mítica de nossa civilização. Quão frequente tem sido a idéia entre os devotos de que "não devemos conhecer tudo", de que "há coisas que simplesmente não podemos compreender e que, portanto, não devemos investigar"! Tal postura pode ser vinculada à crença de que Adão e Eva perderam a graça por desejarem saber tanto quanto Deus. Em consequência tentou-se, às vezes com êxito, obstruir cada desenvolvimento da ciência, até que a religião começasse a perder prestígio. É pena que, quando a religião institucionalizada perdeu inteiramente seu poder, os valores espirituais genuínos, tão necessários ao bem-estar da humanidade, também deixaram de ter importância. Nossa preocupação ocidental com o pecado vem de ideias associadas à queda de Adão e Eva. O Swami Prabhavananda disse, após muitos anos de Estados Unidos, que o maior problema dos ocidentais, segundo ele, era culpa crônica, ou consciência crônica do pecado. Uma grande transformação vem ocorrendo nesta área, é verdade, em certos círculos religiosos do Ocidente, demonstrando a vitalidade e a adaptabilidade da tradição. Mas a velha perspectiva é ainda parte fundamental de nossa infraestrutura mítica. Sua influência contínua pode ser observada não apenas no pensamento religioso, mas até mesmo no discurso de pensadores como Sigmund Freud e Karl Marx. O peso dessa consciência do pecado é sentido hoje por um grande número de pessoas, mas por enquanto não foi encontrada ainda uma base satisfatória para uma nova imagem da humanidade. A mulher foi submetida ao homem pelo próprio Deus, segundo o relato bíblico. Os desafios que essa posição vem sofrendo atualmente são tão evidentes que dispensam qualquer comentário. E, no entanto, não se descobriu ainda uma base sólida para a igualdade entre os sexos - uma base que permita o afloramento da unidade em meio à diferença. A unidade buscada no momento é apenas de caráter político-social e afetiva. As pessoas sentem a necessidade de igualdade. Mas isto talvez não seja suficiente para produzir a mudança desejada - uma mudança através da qual as mulheres se possam igualar aos homens enquanto mulheres, e não em função de serem capazes de fazer qualquer coisa que um homem faça, da mesma maneira que um homem faça. A imagem de Deus como Pai veio naturalmente a um povo pastoral como os judeus da antiguidade, mas essa imagem, embora linda, também se vem mostrando limitada. Além disso, vem sendo considerada como fator contribuinte para a manutenção da mulher em sua tradicional posição social de inferioridade. Não queremos dizer que esta noção de Deus Pai deva ser substituída - ela será sempre adequada para alguns - mas achamos que ela possa ser compensatoriamente reequilibrada. Muitos são os que hoje buscam reviver a ancestral Deusa Mãe, mas o esforço é em grande parte intelectual e artificial. Isto é, Deus Mãe não é experimentado como uma realidade que as pessoas deparam e depois adoram; ao contrário, é mais vista como uma boa ideia que as pessoas tentam traduzir num arquétipo psicológico viável. Ninguém, contudo, vai adorar por muito tempo um arquétipo psicológico intelectualmente construído. Durante a época em que a monarquia era um regime praticamente universal, o rei era considerado como depositário de valor, e o povo existia para glorificar e servir ao rei. Por analogia, passou-se a pensar em Deus como o *Rei Celestial* e, por conseguinte, repositório de todo valor, e nos seres humanos como instrumentos de sua glorificação. Mas na era contemporânea, em que a democracia está em alta, as pessoas passam a encarnar o valor, enquanto a noção de Deus Rei começa a se esvaír. As questões fundamentais deixaram de ser:

Quem é Deus, e o que faço para servi-Lo e agradá-Lo? E passaram a ser: Quem sou eu e como posso chegar à plenitude? No entanto, não há ainda base espiritual para esta guinada de um universo centrado em Deus para um universo centrado em mim-mesmo. Aliás, autocentrado é, em si, um termo depreciativo. Segundo o velho paradigma, não pareceria possível ser autocentrado sem ser também narcisista, egocêntrico, leniente em relação a si mesmo.

Moralidade - considerada como um acordo com Deus - segundo o qual é ético o que agrada a Deus e é aético o que o desagrada, passa a ser igualmente insustentável. As pessoas querem saber por que certas ações são erradas. Neste ínterim a própria moralidade está moribunda por falta de fundamentos sólidos. Por essas e outras razões, as pessoas se foram tornando, intencional ou não intencionalmente, alienadas em relação ao velho *mapa*, enquanto não haviam encontrado ainda uma *nova* base para um novo entendimento do mundo, do eu, de Deus, da finalidade da vida. Provavelmente, jamais houve antes na história da humanidade uma crise de identidade tão grave, tão profunda e tão ampla quanto a que estamos presenciando. Heróis, ancestrais e contemporâneos foram destronados e substituídos por ídolos do "rock". A lealdade está morta por falta de um objeto digno que a justifique, na mesma medida em que a devoção é aviltada diariamente nas telas de televisão. Todos esses fatores aportam para a necessidade de um *novo paradigma*, uma *teoria de campo unificada* para a existência humana, muito mais abrangente que a teoria de campo unificada em processo de elaboração por parte de alguns físicos. Esses físicos buscam uma teoria que unifique nossa compreensão das diversas forças físicas, o que seria obtido via a demonstração de sua inter-relação. Aquilo de que necessita grande parte da humanidade é uma nova perspectiva do eu, de Deus, do mundo e da finalidade da vida, que lhe possa servir como trampolim para ação criativa e para as descobertas - ou seja, algo que não se constitua num credo dogmático com pretensões a responder a quaisquer questões e que, por consequência, mate no nascedouro todo pensamento e ação criativos. Este novo mapa precisa ser dinâmico, aberto em relação a seus objetivos e ao desenvolvimento do processo, e, portanto, liberador de potencial humano; e ao mesmo tempo, ser fator de harmonia e unidade, enquanto respeitando a diversidade. É nossa convicção que a preleção da Vedanta levada a cabo por Swami Vivekananda fornece um magnífico exemplo de um paradigma alternativo, tal como sugerido acima. Este modelo não visa a desunir ou mesmo a substituir todas as demais tradições, mas, sim, a fazer aflorar o potencial das outras tradições, a partir do âmago mesmo dessas tradições. Não responde a todas as questões hipotéticas, permitindo, assim, que persistam temas abertos à reflexão, bem como que coração e mente permaneçam voltados para o infinito no encaço de novas e promissoras possibilidades. Fornece fundamento espiritual para as mais altas aspirações da época: democracia, igualdade, liberdade e dignidade para todos. E o faz, enquanto, ao mesmo tempo, provê uma nova base para a moralidade, tendo como referência não as concordâncias ou discordâncias, agrados ou desagradados, gostos ou desgostos de uma divindade, mas um princípio universal. Em outras palavras, a moralidade não pode ser imposta de fora, mas, ao contrário, deve ser buscada, e encontrada, na própria natureza das coisas. A fonte do poder harmonizador da Vedanta é a grande mensagem do Atman - o Eu Divino do homem. Essa é a base para a perspectiva vedantista da unidade na diversidade, da igualdade de todas as pessoas e povos, da igualdade entre homem e mulher. Tal enfoque dá a base espiritual para a democracia e para a crença na dignidade de todos os seres. Mostra a forma de harmonizar altruísmo com desejo de autoconhecimento e de autodescoberta, e assim, transcender a autoalienação que caracteriza hoje a sociedade ocidental. Não mais o homem existe para servir a necessidades de algo externo a ele, seja Deus, igreja ou rei. Como disse Swami Vivekananda, "A velha religião chama de ateu aquele que não acredita em Deus. A nova

religião chama de ateu aquele que não acredita nele mesmo". E, no entanto, adoração e devoção não são abolidas: Deus está dentro de seu coração, Deus é a *alma de sua alma* - portanto, adoração e devoção podem continuar sem autoalienação. E que concepção maravilhosa de Deus! Deus não é limitado apenas a uma ideia, mas, ao contrário, o Ser Divino Infinito tem infinitas manifestações, de forma a que Deus se aproxime de cada pessoa de acordo com as necessidades dessa pessoa. Para alguns, Deus é Mãe, para outros, Pai, para alguns, Deus é Amigo, para outros, Amado; para outros ainda, Deus é Filho. Depois, há ainda a questão do *caminho*. Ioga significa *caminho espiritual*. Cada uma das quatro iogas, tal como o Swami Vivekananda as concebeu, podem ser expandidas de forma a incluir e intensificar, e em última instância, espiritualizar todas as atividades humanas. No pensamento ocidental, assim como no hindu, são realçados e reconhecidos três valores fundamentais: Verdade, Bondade e Beleza, conhecidos em sânscrito, respectivamente, como *Satyam, Shivarn e Sundaram*. A Jnana ioga - o caminho do conhecimento - pode ser expandida de maneira a incluir a busca pela Verdade em qualquer campo, seja através da ciência, da filosofia ou da religião. A Karma ioga - o caminho da ação - pode ser desenvolvida de maneira a incluir a busca pelo Bem através do trabalho, do serviço, do sacrifício. A Bhakti Ioga - o caminho da devoção - pode ser ampliada de maneira a incluir a busca por amor e a busca pela alegria/felicidade - através da arte, da religião, de qualquer ritual de adoração, de todos os atos de amor. E a Raja Ioga é a ciência da autoconsciência ou da pesquisa de si mesmo - que pode utilizar qualquer caminho anterior ou quaisquer combinações entre eles. Heroísmo? Sri Ramakrishna, Sri Sarada Devi, Swami Vivekananda e os outros discípulos de Sri Ramakrishna - todos demonstraram a possibilidade da existência de heróis verdadeiros. Evidentemente, nem todos serão atraentes às mesmas pessoas. Mas essas grandes personalidades não tiveram a pretensão de se erigirem como objetos de adoração ante os quais todos se deveriam curvar. Embora, através de seus exemplos, eles não só tenham tornado novamente fidedignos os heróis espirituais do passado, como nos tenham ensinado a reconhecer o heroísmo nas pessoas simples a nosso redor. Nas palavras do Swami Vivekananda, "cada um de vocês é um profeta, carregando o peso do mundo sobre os ombros. Alguém já deparou um homem ou uma mulher que não estivesse calma e pacientemente carregando seu pequeno fardo da vida - sua pequena cruz como gostam de dizer os cristãos? Os grandes profetas foram gigantes.... Comparados a eles, somos pigmeus, sem dúvida, ainda que cumprindo as mesmas tarefas. Em nossos pequenos círculos, no recesso privado de nossos lares, estamos todos carregando nossas cruzes pessoais."

O que tem a Vedanta a oferecer ao Mundo Ocidental? Acredito que nada menos do que uma *nova base* para sua civilização. E para o indivíduo? Um caminho que se abre até o infinito!

(Extraído de "Living Wisdom", Viveka Press, Hollywood, CA. Traduzido por Álvaro Vasconcellos)

CENTRO RAMAKRISHNA VEDANTA RIO DE JANEIRO

(Subcentro do Ramakrishna Vedanta Ashrama – SP)

Rua Paula Matos, 162 - Santa Teresa

20251-550 Rio de Janeiro - Brasil

www.vedantarj.org.br

Nota: 'Cadernos de Vedanta' foi criado para abrigar artigos estimulantes, extensos em demasia para serem publicados em nossa pequena revista, mas insuficientemente grandes para se constituírem em livros.